

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM**

**CULTURA ESCOLAR, AÇÃO DOCENTE E
CINEMA**

Proposta de textos e atividades para professores

Proposta apresentada pela professora Iliete Misturini Rodrigues ao Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE da Secretaria de Estado da Educação do Paraná, vinculado à Universidade Estadual de Maringá, sob a orientação do Professor Doutor Raymundo de Lima, em cumprimento às atividades do professor PDE.

ELABORAÇÃO: ILIETE MISTURINI RODRIGUES
PROFESSORA PDE DA REDE PÚBLICA DO PARANÁ
NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DE LOANDA
MUNICÍPIO DE PLANALTINA DO PARANÁ

2007

*“Nada lhe posso dar que não exista em você mesmo.
Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria
alma.
Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave.
Eu ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo.”*
(Hermann Hesse)

SUMÁRIO

Introdução.....	04
Orientações gerais.....	05
Sociedade, Cultura e Cultura da Escola.....	06
O Cinema e a Pedagogia do Herói.....	12
Ação Docente e o Ambiente de Convivência.....	19

INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, a cultura escolar foi influenciada por diversos fatores decorrentes tanto do próprio sistema de ensino como das condições sociais e da emergência da tecnologia que impôs novas linguagens e novos costumes.

Com todas as mudanças que ocorrem na atual sociedade e diante das dificuldades em sala de aula, dos professores que questionam qual prática seria mais indicada para conseguir que seus alunos aprendam, propomos um estudo dos chamados “filmes de escola” e “filmes sobre educação”.

Os filmes “de escola/educação” são instrumentos de expressão, que possibilitam reflexão e posicionamento crítico, abrindo espaço para discussão e promovendo uma maior articulação entre os educadores, rumo à melhoria da prática docente.

Tomando como ponto de partida alguns estudos teóricos recentes, organizamos a presente proposta de textos e atividades, com a finalidade de provocar junto aos professores uma análise reflexiva dos problemas do cotidiano da prática docente e, em seguida, buscar estratégias de intervenção para melhoria da qualidade de ensino.

ORIENTAÇÕES GERAIS

A presente proposta de textos e atividades se constitui em um material pedagógico a ser trabalhado coletivamente com os professores, no processo de formação continuada em serviço, durante a semana pedagógica, em grupos de estudos e reuniões, sob a coordenação da equipe pedagógica da escola.

A proposta apresenta textos e atividades para serem realizadas de maneira pausada, reflexiva e dialógica, não devendo se passar de uma para outra antes que todo processo de reflexão tenha se esgotado, não deixando nenhuma dúvida para o grupo. Por isso, não especificamos uma previsão de tempo e nem a quantidade de encontros necessários para a realização das mesmas. Isto irá depender das necessidades específicas de cada grupo.

O início de cada texto proposto contempla questões problematizadoras, as quais devem ser debatidas pelo grupo, com suas impressões devidamente anotadas por um coordenador eleito previamente pela equipe de professores, que em seguida serão retomadas e servir de base para uma análise comparativa ao término do estudo de cada tema.

Sugerimos que os membros do grupo tenham um “diário de bordo”, onde serão descritas a caminhada do grupo, as reflexões, as experiências, a síntese das leituras, as conclusões e as propostas levantadas pelo grupo de trabalho. Assim, ao término de cada encontro é importante destinar um tempo para os professores fazerem o registro de suas impressões a respeito do assunto abordado.

Também, é relevante que ao término de cada texto e atividade com o mesmo tema, seja realizada uma síntese geral, uma sistematização das idéias principais, as quais poderão se constituir em material de apoio para as atividades seguintes e para o cotidiano dos professores.

SOCIEDADE, CULTURA E CULTURA DA ESCOLA

Nas últimas décadas, a humanidade vem passando por sérios desafios gerados pelas novas tecnologias, as quais desencadeiam novas formas de convivência social. Essas novas formas provocam certa instabilidade nos padrões sociais chegando até a quebra de paradigmas. O que isso tem causado nas pessoas? A escola está preparada para administrar (lidar) com essas novas exigências?

Vivemos um tempo de mudanças, de movimento e transformações profundas na sociedade e no planeta. Com isso temos a sensação de insegurança, medo, onde o real parece confuso e movediço, provocando sentimento de apatia e conformismo. Tomamos consciência sobre os seus efeitos das mudanças de nossa época denominada “pós-moderna” ou, “modernidade líquida” (BAUMAN, 2004).

A controvertida denominação de pós-modernidade para caracterizar o nosso mundo contemporâneo, que obviamente nos remete a uma modernidade antecedente, que reconhece estar na razão o elemento explicador e transformador do mundo, acredita que com o saber científico e a tecnologia o homem podia determinar o mundo. O “saber é poder” de Bacon (1988, p. 13) anunciava a instauração da modernidade pelo domínio da ciência e da tecnologia.

Na sociedade pós-moderna nada é dado como certo, até mesmo a razão científica e a tecnologia estão sob suspeita de poderem realmente contribuir para o bem estar ou a felicidade do ser humano. Ou seja, a confiança é menor e o pensamento pode ser pensado de forma diferente valorizando-se o individualismo, o consumismo e a emoção. Para Bauman (2004, 2007), a modernidade sólida deixa de existir, e surge a modernidade líquida – a “vida se faz líquida”. Na fase da modernidade sólida têm início as transformações clássicas com valores estáveis de vida política e cultural. E na líquida, as relações humanas como: familiar, de casais, grupos de amigos e afinidades políticas, não são tangíveis e perdem a consistência e a estabilidade. Essa sociedade se caracteriza pela incapacidade de manter a forma, sendo que

nossas intuições e crenças mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades.

Na pós-modernidade os aspectos da vida humana são afetados, quando se vive cada momento, sem que a perspectiva de longo prazo tenha sentido, onde a própria saúde é afetada. Segundo Lima (2004), “a perversão e o estresse são sintomas resultados da falta-de-lei, da falta-de-tempo, e da falta-de-perspectiva de futuro, porque tudo se desmoronou (muro de Berlin, a crença nos valores e na esperança)”.

Como consequência dessas “faltas” surge um mal-estar da pós-modernidade que para Bauman (1998, p.10), “provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais”. E o mal-estar da modernidade para Bauman (op. cit.), “provinha de uma espécie de segurança que tolera uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual”.

A ação dos seres humanos nesta sociedade faz surgir à cultura que segundo Williams (1992), pode ser considerado em dois sentidos: [primeiro], “no sentido antropológico/sociológico, define o modo de vida global e o sistema de significações de um determinado grupo; [segundo], no sentido mais especializado, inclui a produção intelectual e as práticas significativas... (apud PESSANHA; DANIEL; MENEGAZZO, 2003, p. 62).

No segundo sentido, pressupõe uma cultura que nos faz pensar sobre nossa realidade social, nos grupos humanos em que interagimos, com nossa forma de existência, desenvolvimento intelectual e perspectiva de futuro. Na verdade a compreensão de cultura exige que pensemos em diversidade cultural que envolve diferentes povos, nações, costumes, concepções, a própria formação do homem, sua melhoria e seu polimento.

A diversidade da cultura indica os modos de viver e de pensar, civilizados e polidos, onde os critérios que se usa para identificar uma cultura são também culturais, e definem a expressão de uma sociedade. De acordo com Santos (2007), “cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro”.

Com essa preocupação precisamos analisar a cultura da escola como processo e produto das práticas escolares. A cultura escolar envolve tudo o que acontece no interior da escola, desde as mais diferentes manifestações das práticas, de alunos /alunos e a professores, de normas a teorias onde se desenvolvem práticas pedagógicas, objetivando produzir poder/saber, inteligibilidades e sentimentos no campo pedagógico.

Para Julia (2001):

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas: finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização (*apud* PESSANHA; DANIEL; MENEGAZZO, 2003, p.63).

A cultura escolar aborda também desde o tempo e espaço escolar, o currículo e a ação do professor na classe. Segundo Tardif e Lessard (2005, p.63), “é o mestre que assume o programa principal ou dominante na ação na classe, a ordem das interações depende da sua própria iniciativa e de sua capacidade de impor respeito às margens da organização que o contrata”. Neste sentido, a cultura escolar procura garantir o controle corporal dos alunos procurando valorizar as funções verbo-intelectuais, a solidariedade com autoridade na classe, na escola, e no contexto social (extra-classe), sendo alguns dos fatores que interferem na ação docente.

Marchesi (2006, p.124) propõe quatro dimensões que esclarecem a cultura escolar: “os objetivos (amplos ou reduzidos), o dinamismo (ativo ou passivo), as relações interpessoais (colaboração ou individualismo) e a identificação com a instituição (pertença ou desvinculação)”.

O espaço privilegiado da cultura escolar é a sala de aula, para Candau (2002, p.141), “a cultura da escola está presente na cultura escolar e vice-versa”.

Sendo assim, as práticas pedagógicas supõem levar em consideração as características culturais dos professores, nos processos pedagógicos, organizativos, de gestão dentro da escola, responsáveis pela compreensão dessas práticas e das situações escolares. Furquin (1993, p. 167), chama de “mundo social” da escola, ou seja, “características de vida próprias, seus ritmos

e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos”.

Neste contexto, a prática docente é um componente da cultura escolar e, para sua construção competente, cabe ao professor desenvolver a capacidade de interpretação da própria realidade, a fim de que ele possa apreendê-la, compreendê-la e desenvolver formas adequadas de atuar nela. Para isso é preciso que o mesmo esteja tanto em contato com pesquisas já elaboradas como assumir uma atitude de pesquisa-e-ação, isto é, uma atitude problematizadora e transformadora da realidade cotidiana da sala de aula. O que alimenta a cultura escolar é o desejo de intervenção na realidade escolar, mas uma intervenção pautada em conhecimentos sistemáticos, e, acima de tudo uma mudança pessoal que diz respeito à própria vida.

Atividades

- 1- Leitura, análise e síntese do texto: Sociedade, Cultura e Cultura da Escola.
- 2 - O período moderno prega pela racionalidade, pela independência em relação ao religioso, ao mito, ao progresso científico racional, com capacidade de controlar e melhorar as condições de vida humana. Quais são as características de nossa época?
- 3- O que descobri ao estudar este texto?
- 4- Que importância tais descobertas tem para mim? E para o meu ambiente de trabalho?
- 5- O que isso tem a ver com a sociedade na qual eu vivo?
- 6- Diário de bordo: sistematização das principais idéias abordadas neste tema.

Sugestão de filmes

1- “Nenhum a Menos”. Em uma aldeia da China, ela se tornou professora.... Na cidade, ela descobriu o quanto ainda tinha que aprender. Assistir ao filme com o olhar voltado para os valores da cultura local, outras culturas e a evasão escolar. Direção: Zhang Yimou. China, 1999, 100 minutos.

2- “O Triunfo”. O filme mostra a força de vontade do professor para manter seu otimismo ao se defrontar com um obstáculo após o outro, retrata a apatia dos

alunos, apresentando um sentido universal do ensino escolar e a contextualização da cultura local. Direção: Matthew Perry. Estados Unidos, 1994, 80 minutos.

Para saber mais

BAUMAN, Z. A sociedade líquida. In: **Folha de São Paulo** - Caderno Mais, 19 out. 2003.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atual**. Disponível em:

<<http://conviteageografia.blogs.sapo.pt/1732.htm-26k>>. Acesso em: 18 set. 2007.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. **Educação escolar e cultura(s):** construindo caminhos. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf> >. Acesso em: 19 set. 2007.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Cultura escolar:** quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. Disponível em: <

<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a13n28.pdf>>. Acesso em: 19 set.2007.

Tura, Maria de Lourdes Rangel. **Investiga atualmente questões relacionadas à cultura e à educação básica**. Disponível em:

<<http://www.ines.org.br/paginas/revista/debate2.htm-21k>>. Acesso em: 19 set. 2007.

Referências

BACON, Francis. **Novum Organun**. São Paulo: Nova Cultura, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido:** sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

----- . **Vida líquida**. Disponível em: <<http://zahar.com.br/doc/11.32.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2007.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s)**: uma aproximação. Educação & Sociedade. Revista quadrimestral de ciências da educação/ centro de estudos educação e sociedade (CEDES), n. 79, p. 141. Campinas: CEDES, 2002.

FURQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura**: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

LIMA, Raymundo. **Para entender o pós-modernismo**. Revista Espaço Acadêmico, n.35, abril 2004. Disponível em: www.espacoacademico.com.br/035/35eraylima.htm. Acesso em: 18 set. 2007.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed, 2006.

PESSANHA, Eurize Caldas; DANIEL, Maria Emília Borges; MENEGAZZO, Maria Adélia. **Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar**: uma trajetória de pesquisa. Disponível em <<http://www.anped.org.br/rbe27/anped-n27-art04.pdf>>. Acesso em: 7 mai. 2007.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TARDIF, Maurice; LESSARD Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 2. ed., Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

O CINEMA E A PEDAGOGIA DO HERÓI

Até que ponto os filmes podem ou não podem ser um recurso de grande utilidade nas escolas? As histórias ambientadas na escola, narradas pelos filmes, traduzem a realidade da cultura das escolas? Os filmes sobre a escola, uma vez compreendidos e debatidos entre professores, podem melhorar nossa atuação docente?

Com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, nossa sociedade exige um trabalho flexível, que se adapta ao novo tipo de mercado contemporâneo, voltado ao domínio técnico da informação e do conhecimento. O novo tipo de conhecimento se expressa através de imagens, como leitura de mundo, enxergando e refletindo por meio de lentes orientadas por um relativismo cultural. Assim nos faz perceber Teruya (2006, p.30), “a produtividade não está mais no capital, na terra, nas máquinas, equipamentos e na mão-de-obra, mas no conhecimento humano”. A chamada “sociedade do conhecimento” requer indivíduos com domínio de informação e de um conhecimento intelectualizado para operacionalizar as mais diversas máquinas. Diante de tal sociedade, os recursos midiáticos especialmente os eletrônicos, passam a fazer parte da cultura popular, onde se materializam as ilusões. Para Teruya (op. cit. p. 58), “a sociedade pós-moderna vive sob o domínio do mundo tecnológico, no qual o homem é um ser totalmente dependente da máquina que faz e diz tudo”.

Através dessas inovações tecnológicas promovidas pelas mudanças históricas, acaba repercutindo na educação escolar, exigindo-se mais do docente a disponibilidade para aprender sempre. Como irá a escola responder a este desafio?

Integrando as tecnologias de informação e comunicação ao cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente. Isto exige investimentos significativos e transformações profundas e radicais em: formação de professores; pesquisa voltada para metodologias de ensino; nos modos de seleção, aquisição e acessibilidade de equipamentos; materiais didáticos e pedagógicos, além de muita, muita criatividade (BELLONI, 2005, p.10).

Diante disso, cabe ao professor desenvolver a capacidade de interpretação da própria realidade, usando os recursos da mídia e dando ênfase à linguagem áudio-imagético no caso o cinema, através de filmes.

A utilização do cinema como recurso didático ou recurso de segunda ordem, não se restringe à ilustração, entretenimento, mas busca-se desenvolver uma competência, ou seja, disposição para analisar, compreender e apreciar. Essas qualidades não se aprendem apenas vendo os filmes, mas depende muito da experiência cultural e da afinidade que o espectador tem com as artes e a mídia.

A maior parte de nós aprende a ver filmes pela experiência, ou seja, vendo (na telona ou na telinha) e conversando com os outros espectadores. (...) conhecer os sistemas significadores de que o cinema se utiliza para dar sentido às suas narrativas aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes (DUARTE, 2002, p. 38).

O filme é uma amostra de toda uma configuração de montagem, utilizada para se chegar à sua apresentação, engloba tudo o que vêm antes, durante e depois, tais como: estúdios, filmagem, montagem, sistema financeiro, contexto sócio cultural, etc.

Precisamos estimular nos adolescentes o gosto pelos filmes, assim como estimulamos nossos alunos durante as aulas de literatura, através de estratégias diversificadas. Segundo Duarte (op. cit., p.17), “ver filmes, é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

Neste sentido, o filme “de escola” não se restringe apenas a um texto a ser lido, mas um pré-texto, considerando como ponto de partida da auto-reflexividade, sendo capaz de desenvolver novas formas de conhecimento e autoconhecimento numa perspectiva crítica, individual e coletiva. Para Alves (2006) um “pré-texto” pode levar o educador a fazer conexões com sua prática escolar e conduzir à autoconsciência reflexiva do nosso tempo.

Assim, não podemos ignorar a importância dos “filmes de escola”, que desempenham um papel importante na formação cultural dos educadores, sendo uma instância pedagógica muito relevante. Analisar o filme como objeto

de estudo, é valorizar a sua condição de arte (expressão de idéias e sentimentos), como produtor cultural de valores e crenças das sociedades em que vive.

Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/ formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos olhar filmes como fonte de conhecimento e informação (DUARTE, 2002, p.106).

O cinema é uma produção cultural, que é mídia e arte onde se constrói em sua volta significados variados nas suas produções, onde o interesse ideológico está presente. Segundo Fabris (2002, p.124), “o cinema exerce uma pedagogia muito singular, mais atrativa e interpelativa do que a pedagogia escolar, pois se utiliza todo um sistema de linguagens que sedutoramente interpela os sujeitos”.

As pedagogias de Hollywood ressaltam valores culturais e ideologizações, propícios para colonização da cultura e de acordo com Fabris (s.d.), define um padrão de identidade como “o melhor”, “o verdadeiro”, “o excêntrico”, “o exótico” e “anormal”. A forma de ensinar pelos docentes é deslocada das atividades rotineiras, enquadradas como posicionamentos de heróis ou vilões, rompendo barreiras, decidindo lutar e estimular os alunos ultrapassando o estado de “não ser e não saber”, para “ser e saber”.

A estratégia que Hollywood usa para desenvolver a pedagogia do herói é contrastá-la com a pedagogia do vilão. Com isso, quero dizer que Hollywood constrói suas histórias para que tenham sucesso junto ao público e nada melhor que seguir o tradicional padrão hollywoodiano do filme de heróis e vilões, isto é, filmes com um final emocionante em que tudo permaneça bem graças ao poder do herói (FABRIS, 2002, p.127).

Os filmes de Hollywood retratam uma sociedade que acredita no milagre, apresentadas como locais de conflitos de não-saber (conhecimento) e de não ser (educado) tais como: violência, agressão, droga, prostituição, gangues, etc. sendo assim, os professores transformam em sua maioria, os alunos em educados e civilizados regulados pela pedagogia do herói, com poderes “de definir esse sujeito junto à psicologia, cujo discurso especializado indica como ‘deve ser’ esse sujeito nas mais diversas fases da vida” (FABRIS,

op. cit., p.128). Neste enfoque desenvolve-se uma pedagogia extremamente reguladora baseada em decisões personalistas.

É, portanto, uma pedagogia extremamente centrada na figura do professor, e mesmo que seja demitido, que não tenha obtido sucesso na sua promoção pessoal como profissional e o sistema permaneça igual, o desfecho das histórias é para que o público se sinta satisfeito, pois o herói exerce também um sacerdócio e por isso ele se contenta com mais uma batalha, mesmo que não tenha onde trabalhar, uma característica que o aproxima do semideus (FABRIS s.d.).

O/a “bom/boa” professor/a envolvem-se mais com seus alunos num nível pessoal, com uma relação humana e ética, onde o conteúdo e o currículo são considerados a relação entre professor/a e aluno, para melhor atender as necessidades cotidianas.

Dalton (1996) considera três valores consistentes com “bons” professores ou “boas” professoras nos filmes: valores estéticos (a atividade educacional vista como tendo significados simbólicos e estéticos); valores políticos (o poder e o prestígio são buscados como fins e não como meios para uma ação responsável e criativa); e valores éticos (exige que a relação humana entre estudante e professor, seja a mais importante, e o conteúdo seja o encontro do ser humano).

Os “bons/boas” professores/as se sobressaem à custa do fracasso dos mal-sucedidos pelo desânimo dos demais. Portanto, a educação para todos se constitui um processo de transformação, e numa relação ética os professores necessitam de autoridade, aquela que vem dos alunos e surge do relacionamento entre eles, sem imposição, através da conquista diária.

Freire (1981, apud DALTON, 1996, p.117) argumenta que transformação para a libertação deve vir do diálogo, o qual ele define como “o encontro entre homens (sic), mediado pelo mundo, para nomear o mundo”.

A ação pedagógica é constituída por múltiplas posições do sujeito, na realização de seu discurso e de suas regras. Problematizar as marcas culturais de uma pedagogia idealizada e ideologizada, sobretudo nos filmes de Hollywood, nos ajudará a pensar na nossa prática nesse tempo pós-moderno, sem garantias e com modelos ineficazes e inatingíveis.

A utilização do cinema como recurso didático não se restringe apenas a alguns aspectos históricos e sociais. Ele revela também como revelador de

afetos, emoções, subjetividades, enfim, a psicologia dos personagens é programada para causar efeito nos telespectador. E provoca o desenvolvimento da pesquisa, ainda que sustentada na história ficcional ou baseada no senso comum. Portanto, os filmes podem contribuir para repensarmos nosso sistema educacional.

Atividades

- 1- Leitura, análise e síntese do texto: O Cinema e a Pedagogia do Herói.
- 2- Os filmes que eventualmente são apresentados em sua escola são utilizados de forma adequada ou têm sido usados para “matar tempo”?
- 3- Com base no texto anterior, comente as características ou perfil de quem é o “bom” ou “boa” professora na sua escola. E como ele é visto pelos seus companheiros de trabalho?
- 4- Como utilizar filmes numa concepção pedagógica?
- 5- Diário de bordo: sistematização das principais idéias abordadas neste tema.

Sugestões de filmes

- 1- “Escola da Vida”. Nosso foco de interesse sobre este filme é abordar assuntos delicados que dizem respeito ao convívio entre professores: o ciúme, inveja e admiração. Direção: William Dear. EUA, 2005, 90 min.
- 2- “Mr. Holland, Adorável Professor”. A conquista do estilo de ser professor, a mudança de paradigmas no currículo da escola, a trajetória do professor, são alguns pontos interessantes desse filme. Direção: Stephen Herek. EUA, 1995, 140 min.

3- “Filhos do Paraíso”. Trata-se de um filme de cunho social, econômico e cultural e muito importante para refletir sobre o distanciamento entre o mundo dos adultos e o mundo da criança. Direção: Majid Majidi. EUA, 1997, 90 min.

Para saber mais

COUTINHO, M. L. **A Construção Estética-Cultural de um Espaço.**

Disponível em:

<<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002/dce/dcetxt5.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2007.

MORAES, A. C. **A Escola Vista pelo Cinema.** Disponível em:

<<http://www.hottopos.com/videtur21/amaury.htm> >. Acesso em: 3 set. 2007.

MACHADO, J. L. **O Cinema na Sala de Aula** – estratégias de trabalho com filmes em sala de aula. Disponível em:

<<http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=825> >. Acesso em: 9 jul. 2007.

CARMO, Leonardo. **O cinema do feitiço contra o feiticeiro.** Disponível em:

<<http://www.rieoei.org/rie32a04.htm>>. Acesso em: 4 de jun.2007.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. Acessar: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Recursos Didáticos – Filmes.

Sugestões de sites sobre cinema

- 1- <http://www.cineguia.com.br>
- 2- <http://www.cinema.terra.com.br>
- 3- <http://www.cineweb.com.br>
- 4- <http://www.adorocinema.com.br>
- 5- <http://www.us.imdb.com>
- 6- <http://www.curtagora.com>
- 7- <http://cinemabrasil.org.br>
- 8- <http://www.cineduc.org.br>

- 9- <http://www.telacritica.org>
- 10- <file://A:\Recorte de texto.htm>

Referências

ALVES, Giovanni. **Trabalho e cinema:** o mundo do trabalho através do cinema. Londrina: Práxis, 2006.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** 2. ed. Campinas: Autores-associados, 2005.

DALTON, Mary M. **O currículo de Hollywood:** quem é o “bom” professor, quem é a “boa” professora? Educação & realidade, Porto Alegre, v.21, n.1, jan./jun., 1996.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FABRIS, Elí Terezinha Henn. **As marcas culturais da pedagogia do herói.** Disponível em: <www.anped.org.br/reuniões>. Acesso em: 21 jun. 2007.

----- **Cinema e educação.** In OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARB Pedro (Org.) **Redes culturais, diversidades e educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TERUYA, Tereza. Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática:** um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação. Maringá: Eduem, 2006.

AÇÃO DOCENTE E O AMBIENTE DE CONVIVÊNCIA

*Ninguém sabe tudo.
Ninguém ignora tudo.
Todos sabemos alguma coisa.
Todos ignoramos alguma coisa.
Por isso, aprendemos sempre.*
Paulo Freire

Quais são os principais problemas encontrados atualmente na prática docente que impedem o bom funcionamento do processo ensino e aprendizagem em sala de aula? Quais são as principais propostas que possibilitaram a melhoria do trabalho docente? Como promover mudanças na ação docente? Será que os professores dominam a prática e o conhecimento especializado no âmbito da educação e do ensino?

As rápidas transformações em nossa sociedade contemporânea, principalmente no mundo do trabalho onde os avanços tecnológicos e os meios de comunicação desempenham um papel-chave, incidem tanto no cognitivo do ser humano quanto na escola e no processo ensino e aprendizagem.

Neste sentido, precisamos repensar o processo pedagógico-didático da ação docente tanto em termos de conteúdo como na forma de ministrar as aulas. O professor preparado para o futuro não pode prescindir dos novos recursos tecnológicos, como o computador e a Internet, documentários, reportagens, filmes, etc.

Esse uso deve implicar em consciência crítica; precisamos compreender o trabalho docente segundo as ideologias e os contextos econômicos no movimento da história. Tardif e Lessard (2005, p. 35) apontam que: “docência é um trabalho cujo objeto não é constituído de matéria inerte ou de símbolos, mas de relações humanas com pessoas capazes de iniciativa e dotadas de uma certa capacidade de resistir ou de participar da ação dos professores”.

No trabalho docente os professores também são considerados agentes sociais, que desenvolvem um ofício moral com muitas missões que se transformam com o contexto atual e com os modelos de organização que o regem.

Tardif e Lessard (op. cit. p. 38) sintetizam que, o trabalho docente não é apenas cumprir ou executar tarefas, é uma atividade de pessoas, que ao trabalhar devem dar sentido ao que fazem, sendo de interação: alunos, colegas, pais, dirigentes de escola, etc.

Segundo Aquino (200, p. 54), o ofício docente poderia ser definido em três grandes dimensões:

- uma da especialidade, de conteúdos específicos em foco (**o que se ensina**);
- outra de cunho didático-metodológico, dos procedimentos relativos à (re)composição de tais conteúdos (**como se ensina**); e
- outra de natureza e democratização social intrínsecos ao conhecimento e ao próprio ato de conhecer (**para que se ensina**).

Por outro lado, precisamos fazer uma análise reflexiva do trabalho que realizamos em nossa comunidade, sua realidade e para quais sujeitos estamos trabalhando. Para Rios (2006, p. 47), podemos encontrar resposta a essas questões através de: “nossa prática, na experiência cotidiana da tarefa que procuramos realizar, e na reflexão crítica sobre os problemas que essa prática faz surgir com desafios para nós”.

Será um trabalho longo, no interior e no exterior da profissão, que obriga a interação e partilhas para que se produza uma cultura profissional dos professores. Em Nóvoa (1999, p.29), “o novo profissionalismo docente tem de basear-se em regras éticas, nomeadamente no que diz respeito à relação com os restantes actores educativos, e na prestação de serviços de qualidade”. (...) “Os professores encontram-se numa encruzilhada: os tempos são para refazer identidades”.

Atualmente sentimos na ação docente um “mal-estar”, provocado pela revolução tecnológica, econômica, política e social, que trouxeram à educação inquietações e incapacidade com problemas que interferem no trabalho e na personalidade do professor.

Para Esteve (1999, p. 98):

“A expressão mal-estar docente (*malaise enseignant, teacher burnout*) emprega-se para descrever os efeitos permanentes, de carácter negativo, que afectam a personalidade do

professor como resultado das condições psicológicas e sociais em que exerce a docência, devido à mudança social acelerada”.

Estes efeitos incidem sobre a ação do professor na sala de aula, que enfrentam circunstâncias de mudança, obrigando a fazer mal o seu trabalho, tendo que enfrentar críticas e sendo acusado de responsável pelas falhas do sistema de ensino. Isso resulta no professor um esgotamento físico, mental e psicológico pela acumulação de exigências e pressões de vários fatores como: dos pais, da sociedade e do próprio sistema de ensino. Assim, acaba gerando nele um sentimento de culpa, sendo mais um elemento para que ele perca sua identidade, tornando-se segundo Alonso (1999, p.11), “o ‘bode expiatório’ de todo o insucesso e incapacidade escolares”.

Diante deste quadro, começa a aparecer no professor algumas conseqüências desse “mal-estar” como: sentimento de desajustamento e insatisfação perante as práticas de ensino; desejo de abandonar a docência (realizado ou não); depressão, *stress*, ansiedade, reações neuróticas, etc.

Outra questão que merece destaque nesta situação são as condutas de comportamentos anti-sociais, violentos ou disruptivos, de alguns alunos, tornando difícil de manter a convivência na escola e na sala de aula (MARCHESI, 2006).

Nessas circunstâncias é de grande valia a competência social do professor, para enfrentar esses conflitos, e que a sociedade reconheça e apóie o seu trabalho. Para Esteve (1999, p. 120): a chave da compreensão do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor, no seu contexto social, nas condições de trabalho na sala de aula.

Então, como promover mudanças na ação docente? Depende em grande parte de uma formação adequada do professor, do significado e do sentido do seu trabalho, onde o professor poderá fazer uso da sua criatividade para resolver os conflitos, incerteza e instabilidade que ocorrem na ação docente. Cabe a ele proporcionar um clima de sala de aula relevante, proporcionando inovações, valorizando o tempo e espaço como condicionantes da relação pedagógica.

Isto é, para uma ação docente, enquanto prática educativa de boa qualidade, é necessária uma reflexão crítica do trabalho que realizamos no dia-

a-dia, com questionamentos do significado que ele tem para nós e para a comunidade da qual fazemos parte.

Rios (2006, p. 47) aponta que as respostas a esses questionamentos podem ser encontradas em duas vertentes: na nossa prática que propomos realizar e na reflexão crítica sobre os problemas que essa prática faz surgir.

A nossa prática profissional depende de decisões, normas de adaptação e normas de organização da instituição educacional. Acompanhando Sacristán (1999, p. 74), entendemos que o docente precisa definir o sentido de sua prática, o papel que aí ocupa; através de uma atuação que se concretiza em múltiplas determinações provenientes dos contextos em que participa.

E para compreendermos o sentido de nossa prática pedagógica é preciso entender o termo “prática”, que tem sentido de agir, realizar e fazer. Schmidt; Ribas; Carvalho (*apud*, 1999, p.19) estabelece duas diretrizes da prática pedagógica como fonte de conhecimento: a prática pedagógica *repetitiva* (a teoria e prática são rompidas e o conhecimento é fragmentado), e a prática pedagógica *reflexiva* (fonte de conhecimento e geradora de novos).

Os estudos que têm sido realizados colocam em evidência a necessidade de um professor com uma prática pedagógica reflexiva. Isto é, ele deve estar sempre atento às mudanças, diante da sua inquietação e reflexão da sua própria prática, usando o novo.

Assim, entendemos que a ação docente deve ser pautada em compromisso, responsabilidade e, acima de tudo, em regras éticas atualizadas.

Aquino (2000, p. 121), propõe cinco regras éticas para a ação docente:

- 1- a compreensão do aluno-problema como um porta-voz das relações estabelecidas em sala de aula;
- 2- a des-idealização do perfil de aluno, abandonando a imagem do aluno ideal;
- 3- a fidelidade ao contrato pedagógico, objeto do nosso trabalho - conhecimento;
- 4- a experimentação de novas estratégias de trabalho;
- 5- a competência e o prazer como compromissos básicos que devem presidir a ação docente em sala de aula.

Para Demo (2004, p. 80 - 85) um novo perfil de professor deve ser forjado como:

- *Professor pesquisador*, ou seja, profissional da reconstrução do conhecimento;
- *Professor formulador* da própria proposta com autonomia;
- *Professor moderno*, não valoriza somente o teórico, mas também a prática de reconstrução do conhecimento;
- *Professor atualizado* permanentemente;
- *Professor sintonizado e preparado com a instrumentalização eletrônica*;
- *Professor interdisciplinar*;

Enfim, o professor do futuro é aquele que sabe fazer o futuro. Fizeram o futuro as sociedades que souberam pensar.

Precisamos nos aperfeiçoar em nossa ação do docente, estudando, pesquisando, realizando troca de experiências educativas e ousadas. Pensamos que, ao fazer uso dos chamados “filmes de escola”, os mesmos possam provocar em nosso trabalho um novo repensar através das imagens midiáticas, das histórias ficcionadas em confronto com as mudanças que sofremos no nosso cotidiano escolar, talvez um reflexo da sociedade que exige novos rumos na educação.

Atividades

- 1- Leitura, análise e síntese do texto: Ação Docente e o Ambiente de Convivência.
- 2- De que forma podemos melhorar nossa prática docente?
- 3- Comente esta citação de Paulo Freire: **“a prática de pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo”**.
- 4- Como promover ou acelerar as transformações do trabalho docente de modo a alcançar o sucesso escolar dos alunos da escola pública?
- 5- Organização das idéias principais no diário de bordo.

Sugestão de filmes

- 1- “O Clube do Imperador”. Coloca-nos diante de um professor apaixonado por seu trabalho que tem sua vida modificada após conhecer um novo aluno, com

quem trava inicialmente uma guerra de egos, mas acaba desenvolvendo uma grande amizade. Neste filme pode ser percebido: relação aluno x professor; função social do trabalho do professor na sociedade; ética no processo avaliativo; validade da avaliação e influência da educação familiar no contexto escolar. Direção: Michael Hoffman. EUA, 2002, 109 min.

2- "Escola da Desordem". Usando a técnica da comédia, esse filme denuncia a falta de compromisso autêntico com a educação. Mostra como a escola está envolvida em várias dimensões: política, social, cultural, sindical, psicológica, didático-pedagógica. O analfabetismo funcional é revelado como paradoxo da escola, que não ensina. O filme aborda a relação professor x aluno; professor x professor; o cotidiano da escola e o estilo de ser professor. Direção: Aaron Russo. EUA, 1984, 85 min.

Para saber mais

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. **O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível.** Disponível em: <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/f//pff/psic/v7n1a05.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

HAGEMAYER, Regina Cely de Campos. **Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança.** Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/viewfile/2209/1852>>. Acesso em: 17 jun. 2007.

SANTO, Joana Maria R. Di. **O compromisso das funções docentes.** Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/comprfdc.htm>>. Acesso em: 9 set. 2007.

------. **Contribuições do cinema par a ação docente.** Parte 1 e 2. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.com.br/comprfdc.htm>>. Acesso em: 9 set. 2007.

Referências

ALONSO, Myrtes. Formar professores para uma nova escola. In QUELUZ, Ana Gracinda; ALONSO, Myrtes (Org.). **O trabalho docente: teoria & prática**. São Paulo: Pioneira, 2003.

AQUINO, Júlio Groppa. **Do cotidiano escolar: ensaios sobre a ética e seus avessos**. São Paulo: Summus, 2000.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

ESTEVE, José M. **Mudanças sociais e função docente**. In NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

MARCHESI, Álvaro. **O que será de nós, os maus alunos?** Porto Alegre: Artmed., 2006.

NÓVOA, António. **O passado e o presente dos professores**. In NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade**. São Paulo: Cortez, 2006.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores**. In NÓVOA, António (Org.). **Profissão professor**. Porto, Portugal: Porto Editora LDA, 1999.

TARDIF, Maurice; LESSARD Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

SCHMIDT, Leide Mara; RIBAS, Mariná Holzmann; CARVALHO, Marlene Araújo de. A prática pedagógica como fonte de conhecimento. In: QUELUZ, Ana Gracinda; ALONSO Myrtes (Org.). **O trabalho doente: teoria & prática.** São Paulo: Pioneira, 2003.